

SER DIFERENTE É SER NORMAL: A TERRA DOS MENINOS PELADOS, DE GRACILIANO RAMOS

BEING DIFFERENT IS TO BE NORMAL: THE LAND OF THE NAKED BOYS BY GRACILIANO RAMOS

Delma Vieira Xoteslem (UnB)¹

Eduardo Dias da Silva (UnB)²

Uelma Alves da Silva (UnB)³

RESUMO: desenvolver atividades para superação do preconceito e aceitação da diversidade é uma premissa da educação básica (pública ou privada). A Literatura Infantil, como instrumento social e pedagógico, além de artístico faz-se presente no cotidiano do ensino-aprendizagem de crianças e jovens no ambiente escolar. Sugere-se, então, atividades de práticas de leituras através da obra *A terra dos meninos pelados* de Graciliano Ramos, a partir de uma perspectiva interacionista sociodiscursiva, considerando o funcionamento do texto sob uma ótica enunciativa, reconhecendo, desta maneira, que a língua se constitui um conjunto de práticas sociais e cognitivas situadas historicamente. Percebeu-se, como um dos caminhos possíveis para trabalhar com os alunos e os responsáveis a aceitação das diferenças, as práticas de leituras sendo uma alternativa para formação de indivíduos mais conscientes da diversidade brasileira contemporânea.

Palavras-chave: Literatura infantil; Práticas de leituras; Educação básica; Diversidade

ABSTRACT: *developing activities to overcome prejudice and acceptance of diversity is a premise of basic education (public or private). Children's literature, as a social and pedagogical instrument, as well as an artistic one, was present in the teaching-learning routine of children and young people in the school environment. It is suggested, therefore, activities of practices of reading through the work *The land of the naked boys* by Graciliano Ramos, from a sociodiscursive interactionist perspective, considering the operation of the text from an enunciative point of view, recognizing in this way and with the studies sociation, that language is a set of social and cognitive practices historically situated. It was perceived as one of the possible ways to work with the students and the responsible acceptance of differences, reading practices being an alternative for training individuals more aware of contemporary Brazilian diversity.*

Keywords: *Children's literature; Practice of reading; Basic education; Diversity*

¹ Mestranda em Literatura pela Universidade de Brasília. Professora de Língua Portuguesa na Educação Básica da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. Pesquisadora do Grupo Literatura, Educação e Dramaturgias Contemporâneas/UnB/CNPq. dvxots@gmail.com.

² Doutorando em Literatura e Mestre em Linguística Aplicada pela Universidade de Brasília. Professor de Francês e Pedagogo na Educação Básica da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. Pesquisador dos Grupos GECAL/UnB/CNPq e FORPROLL/UFVJM/CNPq. edu_france2004@yahoo.fr.

³ Mestranda em História pela Universidade de Brasília na área de História Política. uelma.as@gmail.com

INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea é caracterizada pela diversidade de indivíduos e deve pautar-se na premissa que todos e todas são aceitos e respeitados por suas diferenças. As pessoas são seres sociais que possuem suas subjetividades e individualidades. Entretanto, ninguém é *perfeito*, mas sim, singular e limitado, precisando conviver consigo mesmo e com os outros, no qual todos possuem suas singularidades e limitações, porém com as mesmas expectativas e oportunidades de ser ter uma vida melhor em sociedade para todos, segundo Silva (2013).

Tem-se uma perspectiva de fragmentação, de ordem global, da contemporaneidade que remete a ideia de uma sociedade, que de acordo com alguns pensadores, está inserida em um entendimento de *Líquida* (Bauman, 2009) ou *pós-moderna* (Lyotard, 2011) ou em um processo de *modernidade tardia* (Giddens, 2002) cujos os elementos estão fragmentados/diluídos, deixando simplesmente de existir, sendo necessário recorrer a fragmentos, fatos ou “pedaços” da história para dar sentido à materialidade do sujeito na interação social mediada pela linguagem. Sujeito este que “vive em estado de incertezas sobre sua vida e sobre os destinos do mundo no presente e no futuro que lhe caberá viver”, segundo Sobrinho (2014, p. 644). Por conseguinte,

a criança e o adolescente, à medida que amadurecem, aprendem paulatinamente a compreender os outros, a si mesmos e também o mundo ao redor. No tocante a isso, a leitura destinada a tais grupos propicia a busca de sua identidade e interação com a realidade, na medida em que se configura como gênero que a um só tempo é fruição, divertimento, como também um retrato do mundo e da humanidade (SILVA, 2015a, p. 233).

Entende-se que cabe a Educação Básica (pública ou privada) ser um dos canais de aceitação e conscientização da diversidade dos indivíduos (etnias-raças, crenças, orientação sexual, identidade de gêneros, etc.), criando atividades e debates através da prática de leituras sobre os temas em tela, como um dos caminhos possíveis para trabalhar com alunos e responsáveis a aceitação das diferenças. Pois,

a Educação Básica precisa proporcionar momentos prazerosos de leitura que abarquem todo o contexto familiar e social em que o aluno está envolvido, potencializando a formação de um sujeito crítico e reflexivo, pois é necessário que as práticas do professor em sala de aula satisfaçam as necessidades reais do aluno, considerando-o participante ativo do seu processo de ensino-aprendizagem (SILVA, 2015a, p. 231).

Para tanto, compreende-se a linguagem como elemento de interação social entre os indivíduos e por meio dela e por ela as práticas de leituras são consolidadas, dessa maneira,

a linguagem encontra sua origem na necessidade de comunicação social das pessoas, através das relações interpessoais (relações do sujeito com o meio e com o outro) e intrapessoais (internalização das relações no plano individual). É nesse processo que o ser humano se constitui e se apropria dos gêneros textuais mediados, no ambiente escolar ou fora dele (SILVA, 2016, p. 170).

Logo, a prática de leituras é uma prática social proveniente de atitudes, hábitos, que deveriam ser iniciados no meio familiar ou em outros meios em que a escrita circunda. Para o Ministério da Educação (2008, p. 39), a “leitura se insere num contexto social e envolve disposições atitudinais, capacidades à decifração do código escrito e capacidades relativas à compreensão, à produção de sentido”.

Na definição de Freire (1993, p. 29), a prática de leitura é vista como uma “operação inteligente, difícil, exigente e gratificante”. Por conseguinte, a prática de leitura é percebida como o meio pelo qual a humanidade consegue interpretar o mundo e a si mesma. Já na perspectiva de Solé (2008, p. 22) a prática de leitura “é um processo de interação entre o leitor e o texto”. É um momento único em que o leitor deve interagir com as várias possibilidades de leitura do texto, identificando-se ou não com as ideias principais, com a mensagem que o autor quer passar, além de suas próprias leituras e interpretações do lido/compreendido.

Compartilhando a mesma perspectiva de Tinoco (2014), coaduna-se a prática de leitura como sendo um

processo complexo e abrangente de decodificação de signos e de compreensão e inteligência do mundo, que faz rigorosa exigências ao cérebro, à memória e à emoção. Lida como a capacidade simbólica e com a habilidade de interação mediada pela palavra. É um trabalho que envolve signos, frases, sentenças, argumentos, provas formais e informais, objetivos, intenções, ações e motivações; envolve especificamente elementos da linguagem, mas também os da experiência de vida dos indivíduos (TINOCO, 2014, p. 51).

Tendo em vista a relevância das práticas de leitura e do tema sobre diversidade e aceitação das diferenças na qual se almeja o aprimoramento da prática docente e da aprendizagem dos alunos (crianças e adolescentes) via Literatura Infantil mediada pela leitura de *A terra dos meninos pelados* ([1939] 1973), de Graciliano Ramos, a partir de uma perspectiva interacionista sociodiscursiva⁴, considerando o funcionamento do texto sob uma ótica enunciativa, reconhecendo, desta maneira, em concordância com Marcuschi (2010; 2011; 2012), Bakhtin e seu Círculo (1992) e com os estudos interacionistas sociodiscursivos, que a língua se constitui um conjunto de práticas sociais e cognitivas situadas historicamente Pois,

A língua, a linguagem e a enunciação, frisando uma vez mais, são vistos na perspectiva do uso e não do sistema. Logo, é evidente que a produção de sentidos compreenda vários elementos que vão além dos verbais, como o olhar, os gestos, os movimentos faciais e corporais e a entonação na fala (SILVA, 2015c, p, 03).

Como elemento de mediação necessária entre o ser humano e sua realidade e como forma de engajá-lo na própria realidade, a linguagem é lugar de conflito, de confronto ideológico, não podendo ser estudada fora da sociedade, uma vez que os processos que a constituem são histórico-sociais. Seu estudo não pode estar

⁴ A abordagem do interacionismo sociodiscursivo (doravante ISD) tem se constituído em um fecundo construto teórico-metodológico que, no Brasil tem trazido resultados benéficos para pesquisas que enfocam metodologias de ensino, formação de professores, a interação professor-metodologia-aluno; a interação professor em formação-metodologia e formador com foco na abordagem discursiva do ensino como trabalho, de acordo com Nascimento (2012). O interacionismo sociodiscursivo entende a linguagem como um instrumento semiótico pelo qual o homem existe e age, o que implica interpretar os fatos de linguagem como “traços das condutas humanas socialmente contextualizadas” (BRONCKART, 2006, p. 101).

desvinculado de suas condições de produção, como elucidado por Silva (2015a; 2015b; 2015c).

Aceitação e Diversidade na Terra dxs meninxs peladx

A terra dos meninos pelados ([1939] 1973), de Graciliano Ramos, trata, principalmente, das diferenças. Raimundo é um menino que tem uma aparência não muito comum – não possui nenhum fio de cabelo na cabeça (por isso o chamam de pelado) e tem um olho preto e outro azul. Raimundo chama a atenção por onde passa, despertando o estranhamento e a impicância por parte das crianças da sua cidade, fazendo-o se sentir triste e rejeitado. Mas Raimundo tem uma imaginação prodigiosa, e acaba criando um mundo – o país de Tatipirum – muito diferente do nosso, onde as diferenças são comuns e aceitas por todas. Afinal, ser diferente não é ruim!

A proposta desse artigo é apresentar uma dentre várias possibilidades de práticas de leitura sobre *A terra dos meninos pelados* ([1939] 1973), de Graciliano Ramos, como atividade de rompimento com atitudes preconceituosas e de não aceitação do outro, pelo simples fato, desse outro ser/pensar/agir/ diferentemente de mim ou do que a sociedade contemporânea brasileira dita como padrão.

Graciliano Ramos nesta história infantil *A terra dos meninos pelados* ([1939] 1973), aborda esse assunto fundamental na nossa vida: o que é ser diferente? Precisamos ser iguais aos outros para sermos aceitos? As diferenças podem nos separar, criando conflitos? Imaginaria você uma história com um anão-menino que adora chorar e um menino sardento que quer pintar todo mundo para que fiquem iguais a ele? Esses e muitas outras personagens, além de Raimundo trazem a reflexão do ser diferente e aceitação como princípio norteador da diversidade. Da próxima vez que alguém disser que você é diferente ou você conhecer um amigo diferente, poderá entender o que faz cada um de nós ser diferente e vai achar muito legal!

Conhecendo o autor de *A terra dos meninos pelados* ([1939] 1973), Graciliano Ramos de Oliveira nasceu em 27 de outubro de 1892, em Quebrângulo, no estado brasileiro de Alagoas. Criado na Fazenda Pintadinho, no sertão de Pernambuco, aos

sete anos de idade ingressou no internato Alagoano, em Viçosa, e ali publicou sua primeira obra: o conto *Pequeno pedinte*, no jornalzinho *O Dilúculo* sob assinatura de G. Ramos. Em 1905, Graciliano foi para Maceió, sendo matriculado no Colégio Quinze de Março. Sob o pseudônimo *Almeida Cunha* – um dos hábitos do escritor era a adoção de pseudônimos –, publicou o soneto *Céptico*.

Ao completar dezoito anos, foi para Palmeira dos Índios, em Alagoas, onde passou a residir, ajudando o pai em uma pequena loja de tecidos. Entre 1914 e 1915, então no Rio de Janeiro, trabalhou como revisor nos jornais *Correio da Manhã*, *A Tarde* e *O Século*, sob as iniciais R. O. (Ramos de Oliveira). Voltou a Palmeira dos Índios onde vários de seus familiares haviam morrido num surto de peste bubônica.

Em 7 de janeiro de 1928, Graciliano assumiu a prefeitura de Palmeira dos Índios, experiência que lhe ofereceu material para o primeiro romance, *Caetés*, publicado em 1933. Em 1930, renunciou ao cargo, sendo, em seguida, nomeado diretor da Imprensa Oficial do Estado, de onde se demitiu em dezembro de 1931 por motivos políticos. No ano seguinte, começou a colocar no papel seu segundo romance, *São Bernardo*, em boa parte escrito na sacristia da igreja Matriz de Palmeira dos Índios. Em 1933, foi nomeado Diretor de Instrução Pública de Alagoas, permanecendo até 1936.

Suas ideias políticas fizeram com que fosse detido e preso, sem processo regular, em vários presídios do Rio de Janeiro. Seu drama e dos companheiros de cadeia foram relatados em *Memórias do cárcere*, publicado postumamente em 1953. *Angústia*, lançado em 1936, é considerado o romance mais complexo de Graciliano Ramos, em que o autor retrata a cidade de Maceió da época.

A terra dos meninos pelados, obra escrita exclusivamente para crianças, foi terminada nos últimos anos da década de 1930, juntamente com as histórias de *Alexandre e outros heróis* e *Pequena História da República*. Ele escreveu a obra nos anos finais do seu período de cárcere e logo depois *A terra dos meninos pelados* recebeu o *Prêmio de Literatura Infantil*, concedido pelo Ministério da Educação, em 1937.

Em 1938, o autor escreveu o livro que se tornou sua obra-prima: *Vidas secas*, seu quarto e último romance, voltado para o drama social e geográfico de sua

região – o Nordeste. Graciliano Ramos – o *Mestre Graça*, como era carinhosamente tratado – faleceu no Rio de Janeiro, no dia 20 de março de 1953.

A terra dos meninos pelados ([1939] 1973), de Graciliano Ramos, é considerada uma novela⁵ fantástica⁶ no qual seres diferentes dos humanos têm vida e fala e dialogam com as personagens ao longo da história narrada em vinte e três capítulos.

Graciliano Ramos e a Literatura Infantil no ambiente escolar

Graciliano Ramos é mais conhecido por sua literatura adulta, que tinha como temática a condição humana, criando um caráter universal por meio de personagens e cenários regionais. Trata-se de um escritor de linguagem simples e despojada. Os personagens densos e marcantes de suas obras mais conhecidas *São Bernardo*, *Vidas Secas*, *Infância*, *Angústia*) tornam a literatura desse alagoano única, singular. Entretanto ele não é muito conhecido por sua produção de Literatura Infantil. Essa literatura infanto-juvenil mostra-nos uma proposta ideológica em que se apresentam os temas universais, as questões sociais, a condição humana com todos os seus medos, verdades e mazelas.

Em 1937, logo após sair da prisão, Graciliano escreve *A terra dos meninos pelados* e é agraciado com o prêmio de Literatura Infantil do Ministério da Educação

⁵ Diferente de conto, por ser maior, e do romance, por ser menor, a novela apresenta enredo no qual as ações são fundamentais para o fio da narrativa, segundo Perez (s/d). Ainda de acordo com as características de novela, Moisés (1977) apresenta um estudo importante no auxílio da compreensão e da definição do gênero em questão. De acordo com ele, entende-se as características do gênero literário novela como sendo; a) pluralidade dramática, a novela apresenta vários enredos que ao longo da narrativa estabelecem conexões entre si. b) sucessividade, o enredo é desenvolvido de maneira sequencial, sendo que em determinados momentos da narrativa alguns recursos que quebrem essa sucessividade de acontecimentos podem ser empregados. c) tempo, o gênero literário novela é histórico, ou seja, é determinado pelo calendário e pelo relógio. d) espaço e tempo na novela são indissociáveis. A pluralidade dramática definirá a pluralidade espacial, pois, de acordo com as ações, os personagens podem ser continuamente deslocados para diferentes ambientes na narrativa. e) linguagem, na novela tende a ser clara e objetiva, podendo variar de acordo com as circunstâncias históricas inscritas na narrativa. f) personagens, na novela, não há um limite de personagens, o novelista pode acrescentar ou retirar personagens ao longo da trama, recurso que será importante para o fio da narrativa. g) enredo, a narração segue um ritmo mais acelerado do que aquele empregado em um conto ou romance, mesmo porque são as ações que norteiam a narrativa. h) foco narrativo, a linearidade da novela depende de um escritor onisciente, pois o novelista é aquele que sabe de todos os aspectos da narrativa, inclusive aspectos psicológicos de suas personagens.

⁶ O gênero literário fantástico, é um gênero que se origina na imaginação, o que não existe no mundo real. É o tipo de literatura que não tem preocupação, *a priori*, em relatar fatos que existam na realidade, fatos que consideramos como próprio deste mundo no qual estamos inseridos, como relatado por Silva (2015b). Dessa forma, é possível notar que o gênero literário fantástico não é estante, está sempre evoluindo e aproximando-se de temas cada vez mais críticos.

(MEC), como já mencionado anteriormente. Em 1944, publica *Histórias de Alexandre* que foi apontado como literatura infanto-juvenil. Em 1962, uma editora relança *Alexandre e outros heróis*, reunindo as duas obras citadas e uma outra inédita chamada *Pequena História da República*, que é uma sátira sobre a história do Brasil.

A história do menino pelado começa em um dia no qual Raimundo estava construindo na areia a Serra de Taquatitu, de Tatipirum. Os outros meninos zombavam, então ele foi para casa. No caminho, ele percebeu que Tatipirum ficava perto de sua casa, por se deparar com criaturas do lugar.

Seguindo a estrada, Raimundo encontra uma laranjeira e comenta que esta não tem espinhos. Ela fica magoada, mas ele se desculpa e recebe uma laranja de presente. Mais adiante, Raimundo se depara com grandes teias coloridas e depois chega ao Rio de Sete Cabeças, onde encontra vários meninos iguais a ele.

Eles conversam e perguntam se Raimundo conhece a Caralâmpia, ele diz que não e os meninos riem dele. Envergonhado, ele vai embora e se esconde atrás de um tronco. O tronco conta que os meninos que riram dele são legais e uma aranha vermelha dá a Raimundo uma túnica de teia de aranha.

Então, várias criaturas aparecem e ele começa a contar muitas histórias. Os outros meninos perguntam por que ele fugiu e ele explica que era por não conhecer Caralâmpia. Então eles vão procurá-la. No caminho, o menino sardento diz que deseja que todos tenham sardas, mas Raimundo diz que se todos fossem iguais, a vida seria enjoativa. Depois eles encontram Caralâmpia que conta várias histórias. Então, Raimundo diz que tem que ir embora e vai para casa, feliz por saber que todos somos diferentes e aceitar a diversidade faz parte do convívio social, no qual ninguém deve ser (des)classificado por sua etnia-raça, sua orientação sexual, seu gênero, suas crenças e etc.

Tal obra infantil traz muitas palavras desconhecidas para o público infantil retratando uma questão dessa faixa etária que é a descoberta de novas palavras. O desconhecimento do que era a Caralâmpia constitui um desses exemplos que estão presente em toda a obra. Uma das poucas obras de Graciliano Ramos escrita na terceira pessoa o narrador aqui é onisciente ele conhece todos os passos e pensamentos das personagens “abstendo-se de comentários e só mantendo com o

pequeno leitor aquela familiaridade que é inevitável nos contadores de histórias” (CRISTÓVÃO, 1975, p. 31-33).

Diferente de apontar os certos ou errados na perspectiva de trabalho com a Literatura Infantil e com práticas de leituras sobre a mesma, o foco desse trabalho é trazer possibilidade de atividades com a obra *A terra dos meninos pelados* ([1939] 1973), de Graciliano Ramos, como instrumento de aceitação da diversidade e eliminação de preconceitos no ambiente escolar e, quiçá, na sociedade contemporânea em si, pois as crianças de hoje, brevemente serão os adultos do amanhã.

As propostas estão inseridas em contexto de ensino fundamental – séries iniciais – em ambientes escolares públicos ou privados, com a participação ativa e constante dos alunos e das alunas, além dos professores e outros atores sociais do ambiente escolar, pois em tais atividades, é importante destacar,

devem levar em conta questões como aquisição de informações atuais, percepção e conscientização do leitor/escritor enquanto indivíduo integrado ao momento histórico no qual seu grupo (familiar, educacional) se encontra inserido. Essa inserção se apresenta entre questões políticas, econômicas, religiosas, educacionais, promovem a noção contemporânea de convívio em sociedade (TINOCO, 2014, p. 73).

Além dessa análise e partindo dela, propõem-se estratégias para que seja desenvolvida, no ambiente escolar, uma prática de leitura mais produtiva e engajada, assim, os participantes (crianças e professores) perceber-se-ão como elementos sociais inseridos em dado momento histórico que é resultado de experiências culturais anteriores.

Pretende-se, sobretudo, mostrar as crianças e professores que é possível um processo de práticas de leituras que, levando em conta trabalhos em grupos, pesquisas variadas, discussões prévias, expressões artísticas, mostre-se como elemento eficaz de conhecimento de si mesmo e dos grupos sociais em que se está inserido.

- a) *Vamos ler as imagens antes do texto!* Nessa proposta, a intenção é trazer à imaginação e à atenção das crianças para o livro, para tanto pode-se usar as ilustrações do próprio livro *A terra dos meninos pelados*

([1939] 1973), de Graciliano Ramos, ou outras que remetam ao assunto/tema. O imagético conta algo, o visual também chama atenção. Nesta atividade os alunos podem colorir os desenhos dos personagens para que possam identifica-los após feita a leitura.

- b) *Eu sou...* Nessa atividade de apresentação de personagens, o professor pode colocar a narrativa em perspectiva em primeira ou terceira pessoas. Começa-se a vislumbrar quem fazer parte da história e quem a conta. Perguntas do tipo; como ele/ela é? Veio de onde, mora onde? Você conhece? Por que ele/ela está assim (sentimento/vestimenta)? Quantos anos ele/ela tem? E etc.
- c) *Eu sou assim assado, frito, cozido...* Nessa atividade de ilustração e produção dos alunos, eles se apresentam oralmente e através de desenhos como se imaginam/veem. Importante que o professor também faça uma imagem de si para que os alunos possam entender o pedido, além de se sentirem confiante aos se expressam para os outros. Pergunte às crianças o que elas têm de diferentes com as personagens d*A terra dos meninos pelados* ([1939] 1973), de Graciliano Ramos e de comum. Pergunte se isso é legal ser diferente ou ser igual, ouça os porquês sem interferências, pois deseja-se saber as ideias de diversidade e aceitação das crianças até o momento.
- d) *Ler para melhor entender!* Nesse momento que pode ser semanal, diário, o professor se dispõe a ler trechos, capítulos da história d*A terra dos meninos pelados* ([1939] 1973), de Graciliano Ramos, remetendo às imagens e aos personagens já trabalhados em momentos anteriores. Lembra-se que não pode ser uma leitura extensa ou exaustiva, modere o tempo de acordo com cada turma/turno/idade/série/período.
- e) *Reler para melhor entender!* Trata-se de uma retomada de leitura, sempre perguntando para os alunos, onde paramos na história e quem pode contar o que aconteceu com as personagens ou com a história até o momento. Interessante que as crianças digam o que já aprenderam ou entenderam da história, sugere-se não haver interrupções do professor

na fala dos alunos, mesmo que eles falem um imediatamente após o outro ou mesmo tempo.

- f) *Antes do fim, tem uma frase!* Escolha um momento do livro e não termine esse capítulo ou trecho, peça aos alunos como eles imaginariam a continuação desse trecho/capítulo, peça que cada um elabore um texto dando continuidade a história e na aula seguinte, quem estivesse à vontade, poderia ler o seu texto de *antes do fim, tem uma frase!*
- g) *Meu é diferente do teu!* Nessa atividade de retomada do texto escrito sobre a continuidade da história do capítulo/trecho de *A terra dos meninos pelados* ([1939] 1973), de Graciliano Ramos, a ideia é mostrar que somos diferentes e temos pontos de vista também diferentes, apesar de ouvir/ver e saber a mesma história. Nesse momento, pode-se trazer imagens e depoimentos que colaborem com a ideia de aceitação e diversidade para com os outros.
- h) *Teatrando se vai ao longe!* Ao ler trechos/capítulos do livro, peça que os alunos imaginem, em grupos, diálogos ou situações para dar continuidade a história e encenem para os demais colegas. Colocar-se no lugar do outro é uma excelente atividade de aceitação da diversidade e alteridade. A interferência do professor deverá ser mínima para que os alunos não se sintam tolhidos ou guiados.

Sair dos entremuros do ambiente escolar é uma outra opção como fator de melhoramento da aprendizagem sobre diversidade e aceitação das diferenças, pois as práticas de leituras estão intimamente associadas a outros movimentos artísticos como pintura, desenho, animação, teatro, música, poesia, filmes, dentre outros. Compete aos professores e outros atores sociais em conjunto com as crianças decidirem quais outros recursos podem fazer parte das práticas de leituras.

Considerações finais

Longe de ser um manual de aplicação da obra *A terra dos meninos pelados* ([1939] 1973), de Graciliano Ramos para o público infantil na educação básica (pública ou privada), esse artigo tentou através da Literatura Infantil e práticas de leituras apresentar o universo de aceitação das diferenças e da diversidade desde cedo para que se possa eliminar todo o tipo de preconceito já estabelecido na sociedade brasileira contemporânea. Acredita-se que o momento e o ambiente para tratar do tema em tela é a educação básica – ensino fundamental (séries iniciais) por serem as crianças o futuro da nação. Pois,

com o intuito de propiciar a reflexão e o empoderamento, os professores devem interagir com os seus alunos, aceitar suas sugestões e opiniões, construir junto com eles o significado social das suas práticas, investigando-as como oportunidades de desenvolvimento profissional que reforcem o pressuposto subjacente de que, ao desenvolvê-las, o ensino-aprendizagem pode ser melhorado (ELOY e SILVA, 2017, p. 13).

O papel que exerce a literatura nesta obra é a de mostrar a fuga do mundo real por meio da imaginação de Raimundo, mas há também a certeza de que é necessário voltar à realidade e encará-la. É um livro infantil que questiona valores sociais que impostos como padrões a serem seguidos, mas com sua linguagem simples e acessível demonstra a coerência ideológica de um autor que não aceita as injustiças, a discriminação e assim perpetua a necessidade de se aceitar a diversidade em todos os níveis da condição humana.

Que Raimundos e Raimundas possam existir sem medo, opressão, anulação. Falar de algo sério é possível para crianças e um dos meios para tal é a práticas de leituras e a Literatura Infantil.

REFERÊNCIAS

- ABEL, C. A. S. *Graciliano Ramos*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.
- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: _____. *Estética da criação verbal*. Tradução de Maria Ermantina Galvão Gomes e Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BAUMAN, Z. *Vida Líquida*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Pró Letramento*. Brasília, 2008.
<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=6002-fasciculo-port&category_slug=julho-2010-pdf&Itemid=30192> Acesso: 22 set. 2017.
- BRONCKART, J. P. *Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano*. Organização Anna Rachel Machado e Maria de Lourdes Meirelles Matêncio. Campinas (SP): Mercado de Letras, 2006.
- CRISTÓVÃO, F. A. *Graciliano Ramos: estrutura e valores de um modo de narrar*. Brasília: Ed. Brasília, INL, 1975.
- ELOY, C. M. S.; SILVA, E. D. Eu, professor do mundo: a interculturalidade e as práticas reflexivas de professores de línguas do UnB Idiomas. In: *Revista X*, Curitiba. v. 12, n. 01, p. 1-17, 2017. Disponível em:
<<http://revistas.ufpr.br/revistax/article/view/48959/33096>> Acesso em: 24 set. 2017.
- FREIRE, P. *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar*. São Paulo: Loyola, 1993.
- GIDDENS, A. *As consequências da modernidade*. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Unesp. 2002.
- LYOTARD, J. F. *A condição pós-moderna*. Tradução de Ricardo Corrêa Barbosa. Rio de Janeiro: José Olympo, 2011.
- MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita – atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2010.
- _____. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (Orgs.). *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- _____. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2012.
- MOISÉS, M. *A análise literária*. São Paulo: Cultrix, 1977.
- NASCIMENTO, E. L. Gestos de ensinar e de aprender: uma análise interacionista sociodiscursiva do trabalho em sala de aula. In: *Revista Trama*, v. 8. n. 16, 2012, p.

11-30. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/trama/article/view/6948/5142>> Acesso em: 11 out. 2017.

PEREZ, L. C. A. Características do gênero literário novela; In: *Brasil Escola (Online)*. S/L/D. Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/literatura/caracteristicas-genero-literario-novela.htm>>. Acesso em 24 de setembro de 2017.

RAMOS, G. *A terra dos meninos pelados*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro/INL, [1939] 1973.

SILVA, E. D. Eu gosto do gosto de gostar de ler: a leitura como gênero discursivo na escola. In: *e-escrita Revista do Curso de Letras da UNIABEU*, Nilópolis, v. 6, n. 1, jan-abril, 2015a. Disponível em:

<http://revista.uniabeu.edu.br/index.php/RE/article/view/1624/pdf_368> Acesso em: 22 set. 2017.

_____. O que há em (in)comum entre o fantástico, o estranho e o maravilhoso em Todorov. In: *Revista Rascunhos Culturais*, Coxim. v. 6, n. 12, p. 129-140, jul-dez. 2015b. Disponível em:

<http://revistarascunhos.sites.ufms.br/files/2017/02/Rascunhos-Culturais_n12.pdf> Acesso em: 24 set. 2017.

_____. Eu e você, você e eu na língua: uma abordagem interacional para o ensino de língua estrangeira. *Revista de Letras*, Taguatinga-DF, v. 1, n. 8, p. 1-13. 2015c.

Disponível em: <<https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RL/article/view/6185/4180>> Acesso em: 11 out. 2017.

_____. Sequência didática para aquisição de português como segunda língua para estudantes surdos: uma proposta. In: *Entrepalavras*, Fortaleza, v. 6, p. 168-181, jan./jun. 2016. Disponível em:

<<http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/606/329>> Acesso em: 22 set. 2017.

SILVA, M. R. B. Ser diferente é normal? In: *Webartigos*, S/L. 2013. Disponível em: <<http://webartigos.com/artigos/ser-diferente-e-normal/110884>> Acesso em: 21 set. 2017.

SOBRINHO, J. D. Universidade e novos modos de produção, circulação e aplicação do conhecimento. In: *Revista da Avaliação da Educação Superior*, v. 19, n. 3, p. 643-662, 2014. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414---40772014000300007> Acesso em: 22 set. 2017.

SOLÉ, I. *Estratégias de Leitura*. 6.ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

TINOCO, R. C. *Práticas de leitura produtiva: textos e contextos (sociedade, ensino e arte contemporaneidade)*. Brasília; Editora Universidade de Brasília, 2014.